

## Afetividade e pertencimento no ensino de geografia: uma leitura humanista do conceito de lugar na BNCC

*Affection and belonging in geography teaching: a humanist reading of the concept of place in the BNCC*

Maria De Guadalupe Aderaldo Lessa<sup>1,2</sup>

Antonio Eufrásio Vieira Neto<sup>2</sup>

José Werlon Ferreira de Souza<sup>1</sup>

Carlos Alexandre Silva de Lima<sup>1</sup>

Otávio José Lemos Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa De Pós-Graduação Em Geografia - Universidade Estadual Do Ceará

<sup>2</sup>Secretaria Municipal De Educação – Prefeitura De Fortaleza

### RESUMO

A compreensão do conceito de lugar, em sua dimensão do afeto, pertencimento e significados, é de extrema importância para que o sujeito possa situar-se no mundo. Considerando este fato como premissa, este trabalho objetiva sobre o conceito de lugar, contextualizando-o na Base Nacional Comum Curricular, discutindo as questões levantadas a partir da perspectiva da Geografia Humanista. No caminho, abraçamos a temática da afetividade, amparada na filosofia espinosana. Passeamos também pela Psicologia Ambiental quando adotamos a metodologia dos Mapas Afetivos como instrumento para captar a afetividade dos alunos das séries finais do ensino fundamental que estudam na Escola Municipal de Tempo Parcial Cláudio Martins por seus bairros de moradia: Couto Fernandes, Demócrito Rocha, Montese e Parangaba. A geografia humanista, centrada na experiência e subjetividade dos indivíduos, busca explorar as relações que estabelecemos com o ambiente ao nosso redor. Por outro lado, a psicologia ambiental investiga como o ambiente físico influencia nosso bem-estar psicológico e emocional. As imagens afetivas obtidas pelos mapas afetivos, pertencimento, agradabilidade, destruição, insegurança e contraste, desempenham uma possibilidade metodológica para compreensão do conceito de lugar na geografia humanista. Ao explorar as vivências através dos mapas afetivos foi possível uma apreciação mais ampla e aprofundada das interações entre os indivíduos e os espaços em que residem. Por fim, apresentamos um produto educacional, uma sequência didática produzida a partir do referencial teórico que amparou nosso estudo, cujo objetivo é subsidiar professores do ensino fundamental na docência, tendo como foco o conceito de lugar.

**Palavras-chave:** Lugar; Mapas Afetivos; Ensino de Geografia; BNCC.

### ABSTRACT

Understanding the concept of place, in its dimension of affection, belonging and meanings, is extremely important for the subject to be able to situate himself in the world. Considering this fact as a premise, this work examines the concept of place, contextualizing it in the National Common Curricular Base, discussing the issues raised from the perspective of Humanistic Geography. Along the way, we embrace the theme of affection, supported by Spinoza's philosophy. We also explore Environmental Psychology when we adopt the methodology of Affective Maps as an instrument to capture the affection of students in the final years of elementary school who study at the Cláudio Martins Municipal Part-Time School in their neighborhoods: Couto Fernandes, Demócrito Rocha, Montese and Parangaba. Humanistic geography, centered on the experience and subjectivity of individuals, seeks to explore the relationships we establish with the environment around us. On the other hand, environmental psychology investigates how the physical environment influences our psychological and emotional well-being. The affective images obtained by the affective maps, belonging, pleasantness, destruction, insecurity and contrast, play a methodological role in understanding the concept of place in humanistic geography. By exploring experiences through affective maps, a broader and more in-depth appreciation of the interactions between individuals and the spaces in which they reside was possible. Finally, we present an educational product, a didactic sequence produced from the theoretical framework that supported our study, whose objective is to support elementary school teachers in teaching, focusing on the concept of place.

## INTRODUÇÃO

Neste estudo, foi articulado o conceito de lugar às diretrizes do ensino de Geografia presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em vigor desde 2017 para redes públicas e privadas. A BNCC, fundamentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, orienta-se por princípios éticos, políticos e estéticos voltados à formação integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018).

A compreensão do conceito de lugar, central ao ensino de Geografia, é tratada especialmente na unidade temática “O sujeito e seu lugar no mundo”, que valoriza aspectos como pertencimento e identidade na construção socioespacial. Enquanto no uso cotidiano o termo “lugar” refere-se a localizações físicas, na Geografia assume um significado mais denso, associado à experiência humana e às relações estabelecidas com o espaço habitado.

Sob uma perspectiva humanista, investigar o lugar implica compreender os significados atribuídos pelas comunidades, as transformações históricas e as dinâmicas socioambientais, enriquecendo a análise do espaço geográfico.

A pesquisa desenvolvida neste artigo adota uma abordagem qualitativa, conforme delineada por Chizzotti (2003), integrando tradições analíticas diversas e utilizando múltiplos métodos de investigação. Entre eles, destaca-se a observação participante, que permite ao pesquisador captar significados profundos a partir da imersão no contexto estudado.

Os mapas afetivos produzidos nesta investigação seguem a abordagem proposta por Bomfim (2010), que utiliza categorias metafóricas para representar ideias ou estados emocionais, mais do que estruturas urbanas. São analisadas variáveis como agradabilidade, pertencimento, insegurança, destruição e contrastes, revelando estimas positivas ou negativas que influenciam a atuação dos sujeitos no espaço.

A coleta de dados inclui representações imagéticas e percepções individuais sobre o lugar, complementadas pela aplicação do IGMA, que reúne informações socioeconômicas e uma escala Likert destinada a validar as impressões dos participantes. Para isso, a etapa qualitativa do IGMA segue sete passos: (1) desenho do local; (2) explicação do desenho; (3) descrição dos sentimentos evocados; (4) seleção de seis palavras-síntese; (5) expressão escrita sobre o lugar; (6) comparação metafórica; e (7) mapeamento dos percursos cotidianos. Questões específicas sobre o local de investigação também são incluídas.

O campo empírico foi desenvolvido na EMTP Cláudio Martins, com estudantes oriundos dos bairros Parangaba, Couto Fernandes, Demócrito Rocha e Montese — territórios analisados por meio dos Mapas Afetivos.

### O conceito de lugar na perspectiva da BNCC para a Geografia

2

Esta pesquisa aborda o conceito de lugar como um dos pilares teóricos da Geografia contemporânea, com ênfase nas vertentes humanista e cultural. Trata-se de uma estrutura conceitual que ganhou centralidade nas últimas décadas, em função de sua capacidade de articular dimensões objetivas e subjetivas da experiência espacial (Holzer, 2016).

Historicamente, o conceito de lugar passou por distintas abordagens. Na Geografia Tradicional, predominante até meados do século XX, lugar era visto como localidade descritiva, identificada por suas características físicas e humanas. A seguir, a vertente Teorético-Quantitativa, nas décadas de 1950-1960, enfatizou

variáveis mensuráveis como densidade e renda. Já a Geografia Crítica passou a entender o lugar como construção social, enfocando as relações de poder e as desigualdades que o constituem. Milton Santos (2005) sintetiza essa perspectiva ao afirmar que “mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar”.

Com a Geografia Cultural, lugar ganha contornos mais subjetivos, relacionados a identidade, pertencimento e memória. Para compreender essa perspectiva, é fundamental o conceito antropológico de cultura. Tylor, citado por Laraia (1999), define cultura como o conjunto de “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 1999).

Carl Sauer (1998), pioneiro na incorporação da cultura à Geografia, contrapôs-se ao determinismo ambiental, articulando influências da geografia alemã, francesa e da antropologia estadunidense. A Escola de Berkeley, por ele liderada, deu origem à Geografia Cultural Tradicional, marcada por forte positivismo e foco nos elementos materiais da paisagem. Na década de 1970, sob críticas à excessiva descrição e à baixa relevância social, essa abordagem perdeu força, cedendo espaço a correntes mais engajadas (Sauer, 1998).

O chamado “giro cultural” (*cultural turn*) e o pós-positivismo possibilitaram a emergência de uma Nova Geografia Cultural, mais atenta aos significados atribuídos ao espaço vivido. Rosendahl e Corrêa (2013) destacam que essa transição insere a Geografia em uma perspectiva interpretativa, priorizando narrativas e afetos.

A Geografia Humanista, por sua vez, surge como resposta à rigidez do positivismo, incorporando contribuições da fenomenologia e da psicologia existencial. Oliveira (2017) observa que esta vertente tem base na fenomenologia existencialista, mas também dialoga com outras filosofias do espírito. Edward Relph (2012) e Yi-Fu Tuan (1980) são referências centrais. Para Tuan, lugar é a localidade dotada de significado por indivíduos ou grupos, sendo estruturado por percepções sensoriais, emoções e valores (Relph, 2012).

Relph distingue “lugar” de “lugares”, argumentando que o primeiro envolve autenticidade e vínculo, enquanto o segundo pode representar espaços desprovidos de sentido, como os “não-lugares” gerados pela globalização. Segundo Holzer (2012), compreender a experiência cotidiana do mundo exige um aporte fenomenológico, que vá além da descrição física e abarque as vivências subjetivas.

A influência do existencialismo é visível na obra de Anne Buttimer, que valoriza a relação homem-terra como um campo de complexidade subjetiva (Buttimer, 1982). Essa corrente vê no lugar o elo entre dimensões físicas e simbólicas, onde memórias, afetos e escolhas se entrelaçam. Holzer (2016) destaca que a Geografia Humanista é herdeira direta da Geografia Cultural, distinguindo-se pelo foco na intencionalidade e na experiência do mundo vivido.

David Lowenthal também contribui para esse viés, ao enfatizar a percepção como ferramenta central para a compreensão da realidade geográfica (Holzer, 2013). O lugar, assim, emerge como “mundialidade do cotidiano” (Marandola, 2012), onde os dramas e as potências da vida se manifestam com mais intensidade.

A Geografia Humanista evidencia que o espaço não é neutro, mas vivido e interpretado. A noção de topofilia e topofobia, desenvolvida por Tuan (1980), ilustra os afetos contraditórios que podem compor essa relação. O lugar não é apenas coordenada geográfica, mas território existencial onde se consolidam vínculos, memórias e identidades. Como afirma Marandola (2012): “o lugar é a essência da experiência geográfica”.

### A BNCC e o ensino de geografia

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa um marco nas políticas educacionais brasileiras, ao estabelecer diretrizes para a organização do currículo escolar nacional. Sua construção é resultado de um longo processo histórico, iniciado com a Constituição de 1988, cujo Art. 210 previa a fixação de conteúdos

mínimos para o ensino fundamental, visando assegurar uma formação básica comum e o respeito à diversidade cultural (BRASIL, 2017).

A elaboração da BNCC foi influenciada por diversos fatores, como a extensão territorial do Brasil, sua heterogeneidade sociocultural e a necessidade de alinhamento com as transformações sociais contemporâneas. Esse processo culminou, após décadas de debates e consultas públicas, na homologação da BNCC em duas etapas: em 2017 para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e, em 2018, para o Ensino Médio (BRASIL, 2017).

Importantes marcos legais precederam a BNCC, como a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1961, sua reformulação em 1971, e a atual versão, a Lei nº 9.394/1996, conhecida como Lei Darcy Ribeiro. Esta última promoveu a reorganização da Educação Básica em três etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), integrou o ensino superior ao sistema nacional, definiu a formação docente em nível superior como prioridade, garantiu a gratuidade do ensino fundamental e ampliou a autonomia das instituições escolares.

Paralelamente à nova LDB, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que introduziram temas transversais e orientações específicas para cada área do conhecimento. A BNCC, por sua vez, propôs uma consolidação nacional desses referenciais, alinhando currículo, formação docente, avaliação e infraestrutura escolar (BRASIL, 2017).

A padronização de conteúdos promovida pela BNCC visa reduzir disparidades regionais e garantir o direito à aprendizagem, contemplando competências gerais, como pensamento científico, cultura digital, empatia, argumentação e responsabilidade ética (BRASIL, 2017). Essas competências são operacionalizadas por meio de habilidades que articulam conhecimentos, atitudes e valores nos diversos contextos escolares (BRASIL, 2017).

O documento organiza o currículo do Ensino Fundamental em cinco áreas do conhecimento: Língua-gens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. A Geografia integra a área de Ciências Humanas, ao lado da História, sendo apresentada como essencial para a compreensão do mundo contemporâneo. Sua abordagem valoriza o reconhecimento de identidades, a leitura da paisagem, as relações com os lugares vividos, a memória social e a diversidade cultural. A BNCC ainda propõe o ensino da Geografia com base em princípios epistemológicos como analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem, que possibilitam aos estudantes compreender o espaço geográfico em suas múltiplas dimensões e dinâmicas (BRASIL, 2017).

Apesar da ausência de alinhamento explícito a correntes teóricas específicas da Geografia, a BNCC reconhece a centralidade dos conceitos operacionais do espaço, apresentados de forma estruturada ao longo do capítulo dedicado à disciplina (BRASIL, 2017). As unidades temáticas de Geografia se repetem do 1º ao 9º ano, respeitando uma progressão cognitiva e conceitual. Por exemplo, a unidade “O sujeito e seu lugar no mundo” evolui da descrição de espaços vividos (EF01GE01) à análise da atuação de corporações globais na vida cotidiana (EF09GE02), demonstrando a articulação entre o local e o global no ensino geográfico (BRASIL, 2017).

4

Do total de 600 páginas do documento, apenas 38 são dedicadas à Geografia, das quais 11 tratam da fundamentação conceitual e estrutura curricular; o restante está voltado à descrição das habilidades por série. A BNCC, portanto, não se limita à listagem de conteúdos, mas propõe um referencial formativo voltado à construção de competências fundamentais à cidadania. Desta forma, este trabalho também servirá como recurso norteador para futuras inserções e complementos deste documento central.

## A relevância do conceito de lugar para o ensino de Geografia

A Geografia é uma disciplina intrinsecamente ligada à compreensão do espaço e da sua organização. Nesse contexto, o conceito de lugar surge como esteio para desvendar as complexidades e as dinâmicas que moldam nosso mundo, o que o sobressai à mera localização geográfica e se estende à análise das interações humanas, da cultura, da economia, da política e do ambiente em diferentes escalas. No ensino de Geografia, a relevância desse conceito torna-se evidente, pois ele oferece um ponto de partida exploração das conexões entre os seres humanos e seu ambiente.

A Geografia, como disciplina escolar, desempenha tarefa fundamental na formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel no mundo. Para tanto, seus conteúdos devem ser contextualizados e, acima de tudo, significativos para o aluno. Dentro desse panorama, o lugar emerge não apenas como um conceito geográfico, mas como um elemento fundamental para a compreensão das complexas relações entre o ser humano e o espaço.

Ao longo dos anos, o ensino de Geografia passou por diversas transformações. De uma abordagem mais descritiva e factual, evoluiu para uma perspectiva crítica e analítica, buscando desenvolver no aluno uma visão mais integrada e reflexiva sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, o conceito de lugar passou a ocupar uma posição central, por sua capacidade de aproximar o global do local, de conectar vivências pessoais com dinâmicas geográficas amplas.

Ensinar sobre lugar não se trata apenas de identificar pontos no mapa ou descrever características de um espaço, trata-se de explorar as emoções, memórias e significados associados a eles, permitindo que os estudantes reconheçam sua própria conexão com a espacialidade onde estão inseridos. Sendo assim, a interação entre a cultura geográfica e o saber geográfico formal, obtido através da escola, permite um diálogo enriquecedor que promove uma compreensão mais significativa da espacialidade cotidiana (Cavalcanti, 2005).

A BNCC aponta que “a ênfase nos lugares de vivência, dada no Ensino Fundamental, oportuniza o desenvolvimento de noções de pertencimento, localização, orientação e organização das experiências e vivências em diferentes locais”, incorporando, à medida que o estudante progride em conhecimentos, os próximos “conceitos articuladores”: paisagem, região e território (Cavalcanti e Castellar, 2015).

A construção do conhecimento geográfico é um processo intimamente ligado à observação e análise de fenômenos que ocorrem no dia a dia das pessoas em diversas escalas. É através dessas experiências que os sujeitos desenvolvem uma imagem mental do mundo ao seu redor, o que, por sua vez, exerce uma influência significativa sobre a forma como interagem com o ambiente, alicerce fundamental para o entendimento do mundo em uma escala mais ampla. Os espaços vividos são a representação da experiência humana no lugar: as interações pessoa-ambiente, suas rotinas, atividades e conexões emocionais estabelecidas na espacialidade que se apresenta ao seu redor. No contexto do ensino sobre espaços vividos, os alunos podem explorar como as pessoas desenvolvem laços emocionais, transformando aquela especialidade em lugar, influenciando seu senso de identidade e pertencimento (Brasil, 2018).

A percepção de que a experiência espacial é entrelaçada à identidade e às vivências individuais destaca a importância de uma abordagem geográfica que considere não apenas os aspectos físicos e cartográficos, mas também a dimensão subjetiva e afetiva associada aos lugares. Desta forma, o conceito de lugar carrega, simultaneamente, objetividade e subjetividade. Enquanto as características físicas e geográficas de um lugar podem ser objetivamente descritas e mapeadas, a essência intrínseca do lugar está profundamente enraizada nas percepções, emoções e experiências dos indivíduos que o habitam.

A valorização do conhecimento prévio do aluno, sobretudo de seu lugar, tira da Geografia o status de uma matéria escolar voltada para a memorização, ultrapassando a simples acumulação de informações geo-

gráficas descontextualizadas, pois suas vivências e percepções contribuirão para a construção coletiva do saber geográfico. Essa abordagem pedagógica alinha-se com as tendências contemporâneas da educação que buscam promover e protagonismo e autonomia do aluno.

Estudar e compreender o conceito de lugar, na perspectiva da geografia humanista, é um convite para nos envolvermos mais profundamente com a realidade que nos cerca, não podemos renunciar ao entendimento daquilo que nos cerca. Callai (2012) aponta para a importância deste sentido.

Diante das reflexões trazidas à tona nesta seção, fica claro que o conceito de lugar é um instrumento poderoso no ensino de Geografia. Ao integrar as dimensões históricas, afetivas e subjetivas do espaço, o educador proporciona aos estudantes uma visão mais totalizante e conectada com o ambiente que os cerca. Portanto, investir no desenvolvimento do entendimento do lugar não apenas fortalece a ligação do indivíduo com sua comunidade, mas também promove uma abordagem mais completa e enriquecedora no aprendizado geográfico.

### Lugar como afetividade

Na perspectiva humanista, o conceito de lugar está profundamente vinculado à afetividade, elemento que emerge das interações contínuas entre sujeito e ambiente. Essas interações constroem memórias e identidades, fortalecendo o sentimento de pertencimento a grupos e territórios. Relph (2012) afirma que o lugar é “uma parte inescapável do ser”, pois estrutura a identidade individual e permite ao sujeito compreender sua existência no mundo.

Para a Geografia, o lugar é o espaço experienciado e carregado de valor, resultante da vivência pessoal e afetiva. Tuan (1983) sustenta que “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Essa valoração se dá por meio das percepções sensoriais – sons, cheiros, texturas – e pela experiência cotidiana, que conferem significado aos lugares (Tuan, 1983).

O lugar abarca elementos da vida cotidiana – como a casa, o bairro, ou uma praça – que funcionam como repositórios de memórias. Mourão e Cavalcante (2011) observam que os espaços vividos constituem referências identitárias. Essa abordagem contrapõe a visão positivista e enfatiza o vínculo afetivo entre o sujeito e o ambiente (Tuan, 1983), demonstrando que o lugar se constitui como construção subjetiva e emocional. Cavalcante e Elias (2011) destacam a bidirecionalidade da relação: o indivíduo projeta-se no espaço e, simultaneamente, é moldado por ele. O lugar, assim, afeta e é afetado, revelando a importância dos afetos na constituição do espaço vivido.

A filosofia de Espinosa oferece suporte teórico para compreender a afetividade como potência constitutiva do ser. Em sua obra “Ética”, Espinosa (2015) compreende os afetos como afecções do corpo que ampliam ou restringem a potência de agir. Afetar, nesse sentido, é provocar mudança, e a relação com o lugar se insere nessa lógica: ambientes seguros e agradáveis elevam a potência de ação; já espaços hostis a reduzem (Espinosa, 2002).

6 A afetividade, historicamente subvalorizada frente à razão, ganha destaque na filosofia espinozana como dimensão essencial da existência humana. O autor propõe uma integração entre razão e emoção, afastando-se da dicotomia clássica. Em sua concepção, os bons encontros ampliam a liberdade e a compreensão, enquanto os maus encontros reduzem a potência e levam ao padecimento. Neste cenário, a Geografia Humanista resgata essa concepção ao reconhecer os afetos como estruturantes da relação pessoa-ambiente. Tuan (1983) introduz o termo topofilia para descrever os laços afetivos com o ambiente material, contrapondo-se à topofobia, definida por Oliveira (2012) como o sentimento de medo ou repulsa por certos

lugares. Essas percepções variam conforme experiências pessoais e contextos sociais, podendo coexistir em relação ao mesmo lugar.

A afetividade, assim, não é apenas emoção vinculada ao espaço, mas fenômeno complexo, entre razão e emoção, individual e coletivo. Negá-la é desconsiderar aspectos fundamentais da existência humana e da relação com o mundo vivido. A partir da filosofia espinosana, compreende-se que os afetos ligados ao lugar se originam das vivências cotidianas, sendo positivos ou negativos conforme os encontros estabelecidos.

### **Os mapas afetivos e a expressão do lugar**

A compreensão geográfica do lugar tem sido objeto de análise em diversas áreas, como arquitetura, antropologia, planejamento urbano e, especialmente, na Psicologia Ambiental. A Geografia Humanista valoriza as experiências subjetivas dos indivíduos, enquanto a Psicologia Ambiental investiga como o ambiente físico afeta o bem-estar psicológico. A convergência entre essas abordagens permite uma leitura ampliada do conceito de lugar, aliando vivências subjetivas e metodologias aplicadas (Moser, 1998).

Moser (1998) destaca que a Psicologia Ambiental analisa como o indivíduo percebe o ambiente e é por ele influenciado. Alencar (2010) reforça que a afetividade com os lugares tem relevância política, ao permitir que os sujeitos expressem seus vínculos afetivos. A obra de Bomfim (2010) aprofunda essa análise ao propor os Mapas Afetivos como ferramenta teórico-metodológica que revela a implicação emocional com lugares como casa, bairro ou cidade.

Inspirados na filosofia dos afetos de Espinosa e nos mapas cognitivos de Kevin Lynch (1999), os Mapas Afetivos articulam representações cognitivas e emotivas, baseadas em recursos imagéticos (desenhos, fotografias, objetos). São imagens expressivas dos afetos, revelando o modo como os sujeitos vivenciam e atribuem sentido aos espaços. Para Vygotsky (2001), as emoções organizam internamente ações e pensamentos, relação que se aproxima da noção de potência de ação em Espinosa.

O Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), elaborado por Bomfim (2010), estrutura-se em três etapas: (1) representação gráfica do lugar; (2) descrição da imagem, sentimentos associados e metáforas; (3) análise dos espaços frequentados e caminhos percorridos. O desenho inicial, mais espontâneo que a linguagem verbal, visa acessar a estima do sujeito pelo lugar. Em versões adaptadas, como em Martins (2015), utilizam-se materiais táteis para representar vivências urbanas não visuais (Quadro 1).

**Quadro 1:** Elementos que compõem o IGMA

PARTE I	PARTE II	PARTE III
Desenho	Inquérito	Escala Likert
“Criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos”.	1. Significado do desenho 2. Sentimentos 3. Palavras-sínteses 4. O que pensa da cidade (Categorias: Agradabilidade, Pertencimento, Insegurança, Destruição e Contrastes) 5. Comparação da cidade: a metáfora 6. Caminhos percorridos 7. Perguntas sobre participação em associações 8. Características sócio demográficas	Escala de respostas psicométricas que variam de 1 a 5, a fim de confirmar a imagem afetiva obtida pela articulação entre os sentimentos, as qualidades e a metáfora.

Fonte: Adaptado pela autora de Bonfim (2010).

A categorização das imagens produzidas segue critérios emocionais: imagens metafóricas indicam estados afetivos, enquanto cognitivas representam componentes espaciais (Lynch, 1999). O participante também expressa emoções em palavras-chave e metáforas, que, segundo Bomfim (2010), revelam afetos que transcendem a cognitividade, expondo memórias e experiências pessoais (Quadro 2).

**Quadro 2:** Síntese do processo de categorização voltado para elaboração dos mapas afetivos

Identificação	Dados sociodemográficos do respondente.
Estrutura	A estrutura é classificada, com base no Mapa Cognitivo de Lynch, em cognitiva, caso apresente mais elementos geográficos; ou metafórica, caso apresente mais elementos simbólicos.
Significado	Explicação do sujeito acerca do desenho.
Qualidade	Qualidade que o respondente dá ao desenho
Sentimento	Expressão afetiva do respondente ao desenho.
Metáfora	Analogia que o respondente faz do lugar com algo
Imagem afetiva	Articulação, feita pelo investigador, entre as metáforas do lugar e as outras dimensões como sentimentos e qualidades descritas pelos sujeitos com o intuito de identificar seus afetos com relação ao lugar.

Fonte: Adaptado pela autora de Barreto (2017)

A etapa final do IGMA inclui a aplicação de uma escala tipo Likert, validada por Bomfim et al. (2014), que quantifica a imagem afetiva a partir de 41 proposições sobre sentimentos de agradabilidade, pertencimento, insegurança e destruição. A subtração entre os fatores potencializadores (agradabilidade e pertencimento) e despoticizadores (insegurança e destruição) resulta no Índice de Estima de Lugar (IEL).

O Mapa Afetivo é construído a partir da articulação entre os dados qualitativos e quantitativos. As imagens afetivas são classificadas em cinco categorias (Bomfim, 2010; Barreto, 2017): agradabilidade, pertencimento, destruição, insegurança e contraste. Agradabilidade e pertencimento revelam uma estima positiva do lugar, associada a bem-estar, orgulho e afeto; insegurança e destruição remetem a sentimentos de medo, abandono e mal-estar (Figura 1). O contraste indica a coexistência de sentimentos opostos no mesmo espaço.

Figura 1: Imagens afetivas (A) e suas respectivas oposições (B), obtidas através da aplicação do IGMA



Fonte: Elaborado pela autora.

Tais imagens correspondem, na perspectiva espinosana, à variação da potência de agir: lugares que evocam pertencimento e agradabilidade fortalecem o conatus, enquanto os marcados por destruição e insegurança o reduzem. Os Mapas Afetivos, ao integrar aspectos afetivos e espaciais, constituem-se em ferramenta potente para compreender a relação entre sujeito e lugar, considerando tanto a Geografia Humanista quanto a Psicologia Ambiental.

Assim, o IGMA permite acessar dimensões subjetivas do espaço vivido, revelando como experiências, memórias e afetos moldam a identidade dos indivíduos em relação aos lugares. Essa abordagem amplia a compreensão pedagógica e crítica da espacialidade no ensino de Geografia, ao valorizar o cotidiano e a experiência sensível como elementos estruturantes da vivência do lugar.

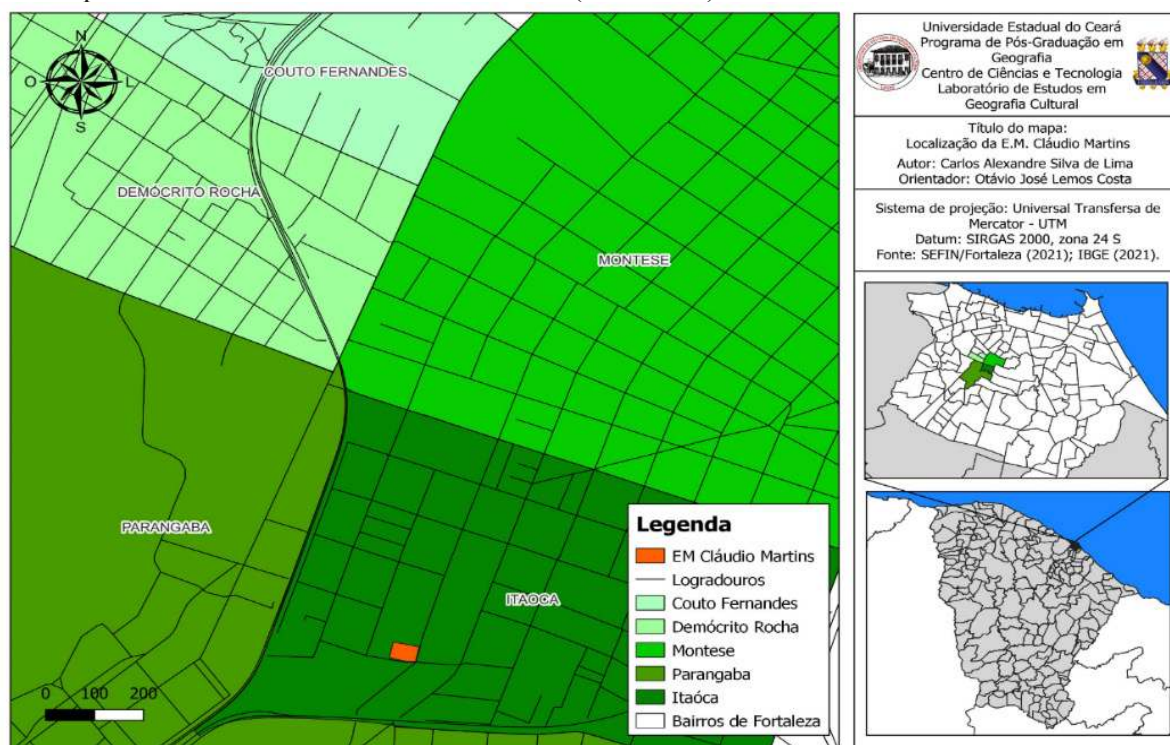
## RELATO DA EXPERIÊNCIA

O relato a seguir apresenta e interpreta a afetividade de estudantes da Escola Municipal Cláudio Martins, em Fortaleza, em relação ao bairro onde residem, por meio da aplicação dos Mapas Afetivos. A prática pedagógica buscou identificar sentimentos como pertencimento, agradabilidade, destruição, insegurança e contraste, compondo a imagem afetiva do lugar vivenciado. Para tanto, articulam-se pressupostos da Geografia Humanista e da Psicologia Ambiental, com base na aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA).

9

A pesquisa foi realizada na EMTP Cláudio Martins, localizada no Bairro Itaoca, região limítrofe entre Parangaba, Montese, Itaoca e Serrinha, com grande fluxo de estudantes oriundos dos bairros Parangaba, Couto Fernandes, Demócrito Rocha e Montese, os quais constituem o foco da análise dos mapas (Figura 2).

**Figura 2:** Bairros próximos à unidade escolar onde a prática docente foi aplicada: foram selecionados os 4 bairros que contemplam os discentes do ensino fundamental (anos finais).



Fonte: Adaptado de Lima (2023)

Fundada em 1996, a escola ocupa o prédio do antigo Ginásio Nordeste. Atualmente, funciona com nova infraestrutura, atendendo cerca de 728 alunos dos anos finais do ensino fundamental (11 a 18 anos), distribuídos nos turnos manhã e tarde.

O bairro Couto Fernandes é de pequena extensão e tem sua origem ligada à antiga estação ferroviária, hoje substituída por estação do metrô. Com população estimada em 5.260 habitantes (Câmara Municipal de Fortaleza, 2022), destaca-se pela presença da Casa da Mulher Brasileira. Já o bairro Demócrito Rocha, desmembrado da Parangaba em 1967, homenageia o jornalista fundador do jornal O Povo e abriga a estação de metrô Juscelino Kubitschek, com população de 10.994 habitantes. Montese é uma área de forte atividade comercial e serviços, com população estimada em 25.970 habitantes. Seu nome homenageia uma batalha da FEB na Segunda Guerra Mundial, substituindo a antiga denominação de Pirocaia. Parangaba, por sua vez, destaca-se historicamente como um dos mais antigos núcleos urbanos de Fortaleza. Fundada como vila em 1759 e reincorporada à cidade em 1921, abriga edificações tombadas e centros de transporte, com população de 30.947 habitantes (Câmara Municipal de Fortaleza, 2022; Silva, 2013).

Participaram da pesquisa 25 alunos do 8º ano, com idades entre 13 e 17 anos. Foram coletadas informações socioespaciais sobre local de nascimento, tempo de residência e composição familiar, revelando vínculos duradouros com o território de moradia (Quadro 3). Os IGMA foram aplicados entre maio e setembro de 2023, em sala de aula, com auxílio de uma bolsista do Laboratório de Estudos em Geografia Cultural (LEGEC). Os desenhos foram digitalizados e anonimizados. As percepções orais, não registradas nos mapas, foram anotadas em caderno de campo, enriquecendo a análise qualitativa.

**Quadro 3:** Dados sociodemográficos dos indivíduos participantes da pesquisa.

INDIVÍDUO	IDADE	BAIRRO DE MORADIA	TEMPO DE MORADIA NO BAIRRO	QUANTIDADE DE MORADORES NA RESIDÊNCIA
Aluno 1	15 anos	Couto Fernandes	5 anos	6 pessoas
Aluno 2	13 anos	Demócrito Rocha	Muito tempo	7 pessoas
Aluno 3	13 anos	Parangaba	1 ano	4 pessoas
Aluno 4	14 anos	Montese	14 anos	5 pessoas
Aluno 5	15 anos	Demócrito Rocha	14 anos	7 pessoas
Aluno 6	14 anos	Demócrito Rocha	14 anos	6 pessoas
Aluno 7	13 anos	Demócrito Rocha	10 anos	5 pessoas
Aluno 8	15 anos	Parangaba	15 anos	4 pessoas
Aluno 9	13 anos	Couto Fernandes	13 anos	3 pessoas
Aluno 10	17 anos	Couto Fernandes	Não sabe exatamente	4 pessoas
Aluno 11	14 anos	Couto Fernandes	Uma semana	4 pessoas
Aluno 12	15 anos	Montese	14 anos	5 pessoas
Aluno 13	14 anos	Parangaba	8 anos	3 pessoas
Aluno 14	14 anos	Montese	6 anos	2 pessoas
Aluno 15	14 anos	Couto Fernandes	14 anos	5 pessoas
Aluno 16	14 anos	Couto Fernandes	11 anos	3 pessoas
Aluno 17	13 anos	Demócrito Rocha	13 anos	6 pessoas
Aluno 18	15 anos	Parangaba	Há muito tempo	6 pessoas
Aluno 19	14 anos	Parangaba	2 anos	3 pessoas
Aluno 20	14 anos	Parangaba	14 anos	3 pessoas
Aluno 21	14 anos	Montese	14 anos	4 pessoas
Aluno 22	14 anos	Couto Fernandes	13 anos	3 pessoas
Aluno 23	13 anos	Montese	13 anos	3 pessoas
Aluno 24	16 anos	Montese	16 anos	5 pessoas
Aluno 25	16 anos	Couto Fernandes	11 anos	2 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora

Os 25 mapas afetivos obtidos foram distribuídos entre os bairros: Parangaba (6), Couto Fernandes (8), Demócrito Rocha (5) e Montese (6). A análise articulou os desenhos e as respostas escritas ao IGMA, permitindo interpretar as imagens afetivas (Bomfim et al., 2014): pertencimento, agradabilidade, insegurança, destruição e contraste. Segundo Bomfim et al. (2014), pertencimento e insegurança, assim como agradabilidade e destruição, constituem pares antagônicos, refletindo tensões simbólicas e afetivas na vivência dos lugares (Quadro 4).

**Quadro 4:** Descrição das imagens afetivas trabalhadas na prática docente.

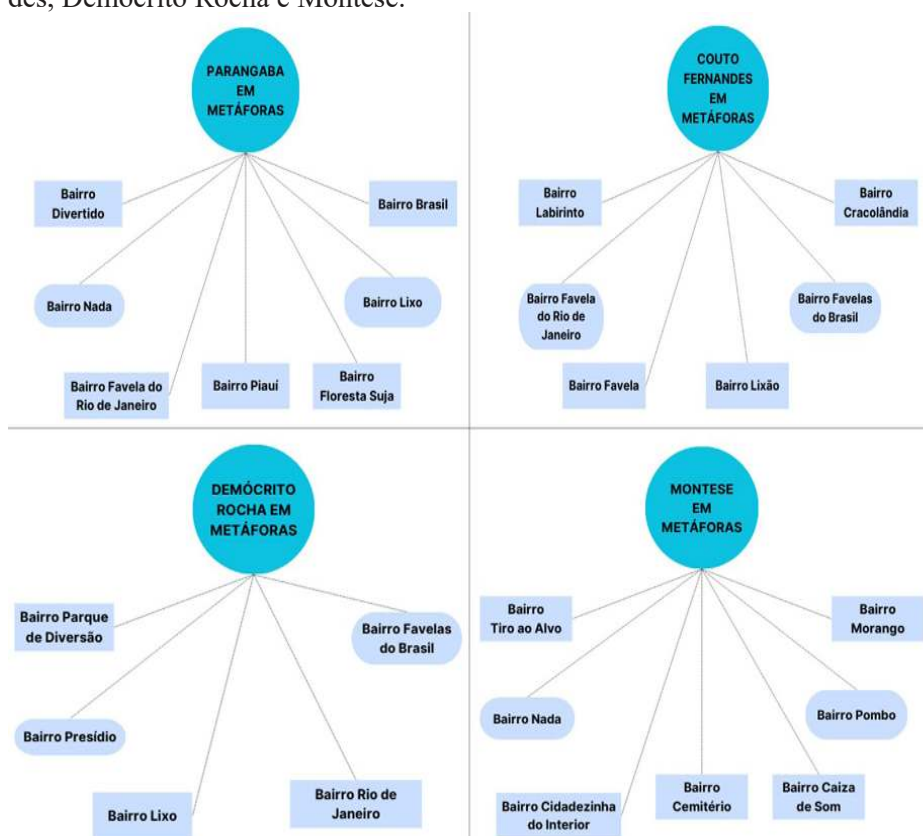
Caráter	Imagem afetiva	Descrição
<b>Potencializadoras</b> (aumentam a potência de ação)	Pertencimento	Manifesto por meio de sentimentos de pertença, de orgulho e de forte relação de identidade. O indivíduo tem dificuldade em se perceber distante e diferenciado do lugar. É comum a descrição do próprio lar e o desejo de permanência, bem como demonstrações de forte implicação com o lugar.
	Agradabilidade	Imagem de lugar agradável, valorado positivamente, ainda que sem forte relação de identidade ou desejo de permanência. Comumente relacionada a ambientes que promovem bem-estar (áreas verdes, espaços confortáveis, pontos de encontro) e/ou oportunidades (de desenvolvimento pessoal, material, profissional ou intelectual).
	Contraste potencializador	Confluência de fatores potencializadores e despotencializadores na relação com o ambiente marcada pela prevalência do aumento da potência de ação do sujeito
<b>Despotencializadoras</b> (diminuem a potência de ação)	Contraste despotencializador	Confluência de fatores potencializadores e despotencializadores na relação com o ambiente marcada pela predominância do decréscimo da potência de ação do sujeito.
	Destruição	Imagem afetiva surgida da percepção do ambiente como abandonado (ausência de infraestrutura adequada, descuido e baixa ocupação/circulação). Comumente relacionada à percepção de sujeira e poluição (de qualquer ordem). A imagem é manifesta por sentimentos de vergonha e desprezo.
	Insegurança	Emerge do sentimento de insegurança do indivíduo, que se sente ameaçado. Imagem marcada por riscos, sendo comum o relato de que tudo pode acontecer no lugar. Pode haver dificuldade de interação social e ausência de confiança entre os sujeitos.

Fonte: Adaptado de Lima (2018)

A imagem de contraste surge quando coexistem sentimentos contraditórios, como vínculos afetivos e percepções de deterioração ou insegurança. Esses elementos dialogam com os conceitos de topofilia e topofobia (Tuan, 2012), nos quais as emoções positivas e negativas moldam a percepção do sujeito sobre o espaço, expressando dinâmicas de atração e repulsa que conferem sentido ao lugar vivido.

A pesquisa qualitativa, centrada na dimensão afetiva da relação sujeito-lugar, não visa julgamentos categóricos, mas revelar a complexidade das experiências individuais. As metáforas empregadas pelos participantes nos mapas — agrupadas por bairro — revelam percepções singulares, como “cidadezinha do interior” e “tiro ao alvo” para o mesmo bairro (Montese), demonstrando a ambiguidade da vivência cotidiana (Figura 3).

**Figura 3:** Metáforas utilizadas para representar os bairros próximos à unidade escolar: Parangaba, Couto Fernandes, Demócrito Rocha e Montese.



Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com Bomfim (2003), as metáforas “vão além da cognição”, permitindo expressar intimidade com o espaço vivido. Elas comunicam aspectos subjetivos que frequentemente escapam à linguagem objetiva. Assim, evidenciam-se não só elementos físicos, mas também memórias, afetos e sentidos atribuídos ao espaço. Outra etapa da análise envolveu a identificação das palavras que os estudantes utilizaram para descrever os sentimentos em relação aos seus desenhos. As respostas foram organizadas por bairro e representadas graficamente em nuvens de palavras, geradas pela ferramenta digital <https://www.wordclouds.com/>.

A proposta dos Mapas Afetivos está em sintonia com a Geografia Humanista, que busca compreender as relações entre sujeitos e espaços, incluindo os sentimentos e ideias que os indivíduos desenvolvem sobre o lugar (Tuan, 2012). Como destaca Bomfim (2010), os sentimentos moldam e são moldados pelo espaço vivido, expressando disposições positivas ou negativas em relação ao ambiente.

A partir da filosofia espinosana, compreende-se que os afetos surgem da interação entre corpos, humanos e espaciais, o que torna o lugar um agente ativo na produção das emoções. O espaço vivido, assim, deixa de ser apenas um cenário e passa a ser coautor da experiência afetiva, confirmando a importância de abordagens sensíveis e subjetivas no ensino de Geografia.

### Análise Quantitativa Complementar

Para análise dos resultados da prática docente, utilizou-se a escala do tipo Likert, instrumento amplamente empregado nas Ciências Sociais e na Psicologia para mensurar atitudes, opiniões ou níveis de concordância em relação a enunciados previamente elaborados. Desenvolvida por Rensis Likert na década de 1930, essa escala propõe afirmações às quais os sujeitos atribuem valores indicativos de concordância, variando de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”, com uma opção intermediária que representa

**Quadro 5:** Itens da escala Likert que indicam as estimas: potencializadoras e despotencializadoras.

Item	Estima potencializadora	Item	Estima despotencializadora
1	Considero algo meu	2	Está poluído
5	Não trocaria por nada.	3	Tenho a sensação de que estou desamparado
6	Considero parte da minha história.	4	Me sinto sossegado
16	Tenho oportunidades.	7	Parece abandonado.
19	Se não estou nele, quero voltar.	8	Desconfio das pessoas
20	Me sinto identificado com ele	9	Me envergonha.
21	Admiro por sua beleza	10	Há riscos
23	Sinto que faço parte	11	Sinto medo
25	As coisas que acontecem nele são importantes para mim	12	É ruim
26	Tenho prazer	13	O perigo é constante.
27	É atraente para mim.	14	Acho feio
29	Me deixa orgulhoso	15	Me indigna
32	Amo	17	Me sinto tranquilo
34	Me divirto	18	Com estruturas precárias
15	Tem tudo a ver comigo	22	Me deixa com raiva
39	Defenderia se necessário	24	Me sinto sufocado
41	Me sinto apegado	28	Sinto que estou desprotegido
		30	Me sinto inseguro
		31	É desprezível.
		33	Devo estar alerta
		36	Está destruído
		37	Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer
		38	Há sujeira.
		40	Tudo pode acontecer.

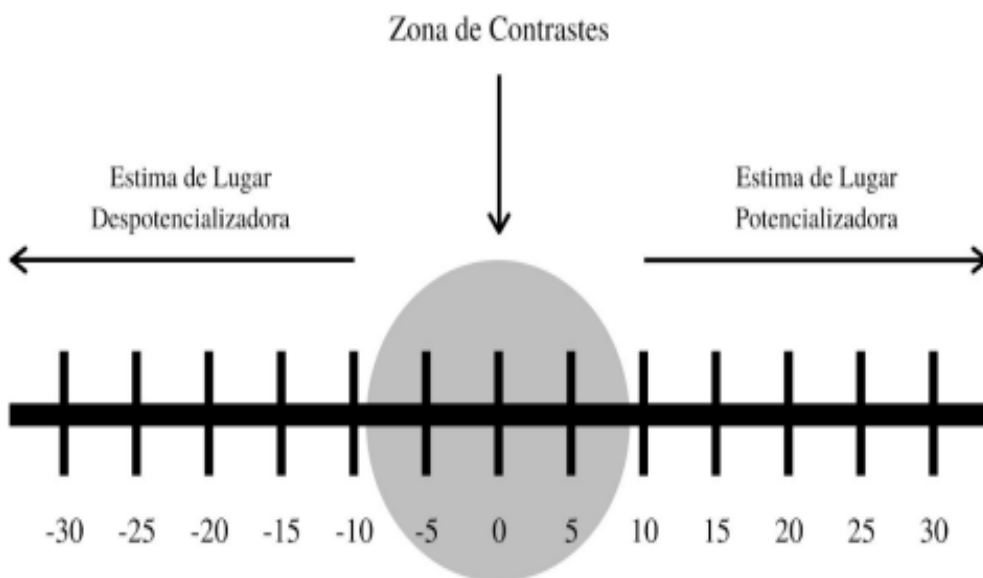
Fonte: Elaborada pela autora.

A versão utilizada nesta pesquisa integra o IGMA – Instrumento Gerador de Mapas Afetivos, composta por 41 itens validados estatisticamente conforme descrito por Bomfim et al. (2014) no artigo “*Affective Maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods*”. A Escala de Estima de Lugar (EEL), que embasa o IGMA, passou por diferentes versões até sua consolidação em 2014: com 10 itens (Alencar, 2010), 16 (Pinheiro, 2009), 18 (Bandeira, 2012), 20 (Souza, 2008), 23 (Viana, 2009) e 56 itens (Cabral, 2015; Barreto, 2017; Silva, 2019). A EEL é estruturada em dois fatores: o Fator 1, associado a

sentimentos de pertencimento e agradabilidade; e o Fator 2, relacionado à percepção de destruição e insegurança. O Índice de Estima de Lugar (IEL) é calculado pela diferença entre os somatórios dos dois fatores, segundo a fórmula:  $IEL = \Sigma Fator I - \Sigma Fator II$ .

Resultados próximos de zero indicam uma imagem de contraste. Quando positivos, o contraste é potencializador; quando negativos, despotencializador (Bomfim et al., 2014). A Figura 4, adaptada de Lima (2019), ilustra essa estrutura analítica.

**Figura 4:** Quadro demonstrativo da estima obtida através da EEL.



**Fonte:** Adaptado de Lima (2019)

Os dados coletados por meio da escala foram transferidos para uma planilha Excel fornecida pelo Locus – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental da UFC. A partir disso, foi calculado o IEL, permitindo avaliar se a estima expressa pelos participantes tem caráter potencializador ou despotencializador.

A aplicação do IGMA resultou em 25 Mapas Afetivos: 3 expressando Agradabilidade, 1 Pertencimento, 1 Destruição, 4 Insegurança e 16 Contrastes, conforme sintetizado no Quadro 6, que apresenta os resultados da análise da EEL.

**Quadro 6:** Síntese dos Mapas Afetivos construídos.

INDIVÍDUO	IMAGEM AFETIVA	IEL	ESTIMA DE LUGAR (potencializadora ou despotencializadora)	BAIRRO
Aluno 1	Agradabilidade	19	Potencializadora	Couto Fernandes
Aluno 2	Agradabilidade	39	Potencializadora	Demócrito Rocha
Aluno 3	Agradabilidade	16	Potencializadora	Parangaba
Aluno 4	Pertencimento	9	Potencializadora	Montese
Aluno 5	Destruição	-39	Despotencializadora	Demócrito Rocha
Aluno 6	Destruição	-46	Despotencializadora	Demócrito Rocha
Aluno 7	Insegurança	-2	Despotencializadora	Demócrito Rocha
Aluno 8	Insegurança	-25	Despotencializadora	Parangaba
Aluno 9	Insegurança	-6	Despotencializadora	Couto Fernandes
Aluno 10	Contraste	4	Potencializadora	Couto Fernandes
Aluno 11	Contraste	4	Potencializadora	Couto Fernandes
Aluno 12	Contraste	24	Potencializadora	Montese
Aluno 13	Contraste	5	Potencializadora	Parangaba

Aluno 14	Contraste	23	Potencializadora	Montese
Aluno 15	Contraste	19	Potencializadora	Couto Fernandes
Aluno 16	Contraste	38	Potencializadora	Couto Fernandes
Aluno 17	Contraste	19	Potencializadora	Demócrito Rocha
Aluno 18	Contraste	-38	Despotencializadora	Parangaba
Aluno 19	Contraste	-6	Despotencializadora	Parangaba
Aluno 20	Contraste	-55	Despotencializadora	Parangaba
Aluno 21	Contraste	-38	Despotencializadora	Montese
Aluno 22	Contraste	-12	Despotencializadora	Couto Fernandes
Aluno 23	Contraste	-41	Despotencializadora	Montese
Aluno 24	Contraste	-17	Despotencializadora	Montese
Aluno 25	Contraste	-37	Despotencializadora	Couto Fernandes

Fonte: Elaborada pela autora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Predominaram, na amostra, mapas afetivos de estrutura cognitiva, com representação da configuração física dos bairros. Dos 25 mapas produzidos, 15 foram selecionados para análise nesta seção, considerando a recorrência de imagens; os demais constam nos apêndices.

As primeiras categorias analisadas foram Agradabilidade e Pertencimento, associadas à topofilia (Tuan, 1983), revelando uma relação afetiva positiva com o bairro, marcada por sensações de conforto, segurança e bem-estar. Relph (1979) reforça que a topofilia se refere à experiência prazerosa de um lugar, influenciando significativamente o comportamento humano.

A imagem de Agradabilidade surgiu em três mapas, associados aos bairros Couto Fernandes, Demócrito Rocha e Parangaba. Esta categoria expressa percepções de ambientes serenos, esteticamente agradáveis e propícios ao lazer e ao desenvolvimento pessoal.

No mapa do Aluno 1 (Quadro 7), o bairro Couto Fernandes é descrito como um espaço de felicidade e relaxamento, representado pela locadora de videogames, frequentada pelo participante.

Quadro 7: Mapa afetivo do aluno 1

<p><b>Identificação:</b></p> <p><b>Aluno 1, 15 anos</b></p> <p><b>IEL: 19</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Couto Fernandes</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 6</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: 5 anos</b></p>	
Estrutura	Cognitivo
Significado	“Meu desenho é uma locadora onde sempre eu ía. Quase todo meu tempo eu passava lá”
Qualidade	Felicidade e relaxamento
Sentimento	Felicidade, alegria e relaxamento.
Metáfora	“Labirinto, porque tem muitas vielas e becos”
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro LABIRINTO é descrito desta forma por estar estruturado em vielas e becos. Os sentimentos despertados são de felicidade, alegria e relaxamento, denotando uma imagem afetiva de AGRADABILIDADE.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Aluno 2 (Quadro 8) compara o bairro Demócrito Rocha a um parque de diversões, expressando sentimentos de alegria e amor. O Índice de Estima de Lugar (IEL) confirma uma relação potencializadora.

Quadro 8: Mapa afetivo do aluno 2

<p><b>Identificação</b></p> <p><b>Aluno 2, 13 anos.</b></p> <p><b>IEL: 39</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Demócrito Rocha</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 7</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: Muito tempo</b></p>	
Estrutura	Cognitivo
Significado	“É as coisas que tem na minha rua, perto da praça: rua, casa, quadra”
Qualidade	“Eu gosto de lá, lá é muito bom”
Sentimento	Legal, bem, amor, divertido, alegre, amizade
Metáfora	“Com parque de diversão, porque lá é divertido”

Sentido (Imagem afetiva)	O bairro PARQUE DE DIVERSÃO é assim descrito pelas oportunidades de lazer que proporciona, o que o torna um lugar bom, legal, divertido e alegre. A imagem afetiva é de AGRADABILIDADE.
-----------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

A imagem de Pertencimento aparece no mapa do Aluno 4 (Quadro 9), que compara o bairro Montese a um “tiro ao alvo”, mas o descreve com afetos positivos como amor, paz e felicidade. A escala Likert confirma a ausência de insegurança e valida a imagem de Pertencimento.

**Quadro 9:** Mapa afetivo do aluno 4.

<b>Identificação</b>	
<b>Aluno 4</b>	
<b>Idade: 14</b>	
<b>IEL: 9</b>	
<b>Bairro de moradia: Montese</b>	
<b>Quantidade de moradores na residência: 5</b>	
<b>Tempo de moradia no bairro: 14 anos</b>	
Estrutura	Cognitivo
Significado	“Dois caras jogando bola no campo”
Qualidade	Amor
Sentimento	Amor, alegria, felicidade, bondade, paz, resenha
Metáfora	“Com um tiro ao alvo, porque é bala pra todo lado”
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro TIRO AO ALVO é descrito desta forma pela constância com a qual ocorrem tiroteios no lugar. Ainda assim, os sentimentos evocados estão relacionados ao amor, alegria, felicidade, bondade, paz e resenha (muita conversa) entre os moradores. A imagem afetiva é de PERTENCIMENTO.

Fonte: Elaborada pela autora.

A Insegurança é evidenciada no mapa do Aluno 5 (Quadro 10), com metáforas e sentimentos associados ao medo, confirmados pelas respostas na escala Likert a itens como “há riscos” e “sinto-me desprotegido”.

**Quadro 10: Mapa afetivo do aluno 5.**

<b>Identificação</b>	
<b>Aluno 5</b>	<b>Idade: 15 anos</b>
<b>IEL: -39</b>	
<b>Bairro de moradia: Demócrito Rocha</b>	
<b>Quantidade de moradores na residência: 7</b>	
<b>Tempo de moradia no bairro: 14 anos</b>	
Estrutura	Cognitivo
Significado	“Eu desenhei minha casa e a da vizinha. Também tem a rua e a casa que os policiais mandaram fechar por conta dos usuários de drogas, mas eles ainda continuam frequentando.”
Qualidade	Raiva
Sentimento	Raiva, tristeza, nojo, confusão, angústia
Metáfora	“Com um presídio, pois lá tem muitos envolvidos com facção”
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro PRESÍDIO recebe essa comparação pela quantidade de pessoas que há no lugar que têm envolvimento com facções. Os sentimentos despertados são de raiva, tristeza, nojo, confusão e angústia. A imagem afetiva predominante é a de INSEGURANÇA.

Fonte: Elaborada pela autora.

No mapa do Aluno 8 (Quadro 11), a metáfora “Bairro Nada” remete à solidão e tristeza, reforçada pela declaração “ainda não vi um bairro triste igual ao meu”, o que denota uma imagem de Insegurança (Bomfim, 2010).

**Quadro 11: Mapa afetivo do aluno 8.**

<b>Identificação</b>	
<b>Aluno 8</b>	<b>Idade: 15 anos</b>
<b>IEL: -25</b>	
<b>Bairro de moradia: Parangaba</b>	
<b>Quantidade de moradores na residência: 4</b>	
<b>Tempo de moradia no bairro: duas semanas</b>	
Estrutura	Cognitivo
Significado	É um prédio de frente onde moro, porque eu moro em apartamento
Qualidade	Normal
Sentimento	Triste, chato, desprezo, pena, medo

Metáfora	Com nada, porque ainda não vi um bairro triste igual ao meu
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro NADA é descrito pelo sujeito como triste, chato, desprezível. Sente pena e medo. A imagem afetiva é de INSEGURANÇA.

Fonte: Elaborada pela autora.

O Aluno 9 (Quadro 12) associa o medo à criminalidade e tráfico de drogas, usando como metáfora “Favela do Rio de Janeiro”, com base em referências midiáticas.

Quadro 12: Mapa afetivo do aluno 9.

<b>Identificação</b>	
<b>Aluno 9</b>	
<b>Idade: 13</b>	
<b>IEL: -6</b>	
<b>Bairro de moradia: Couto Fernandes</b>	
<b>Quantidade de moradores na residência: 3</b>	
<b>Tempo de moradia no bairro: 13 anos</b>	
<b>Estrutura</b>	Cognitivo
<b>Significado</b>	“Desenhei o “campim” da onde eu moro e o trem que passa”
<b>Qualidade</b>	Medo
<b>Sentimento</b>	Perigo, criminalidade, assalto, operação, invasão, drogas
<b>Metáfora</b>	“Favela do Rio de Janeiro, porque tem a mesma aparência”
<b>Sentido</b> (Imagem afetiva)	O bairro FAVELA DO RIO DE JANEIRO recebe esta comparação por ter similaridade com as favelas daquela cidade. Os sentimentos são de medo e sensação de perigo, podendo ocorrer assaltos, operações e invasões policiais, tendo em vista o tráfico de drogas lá presente. A imagem afetiva é de INSEGURANÇA.

Fonte: Elaborada pela autora.

A imagem de Destruição, conforme Bomfim, Feitosa e Farias (2018), envolve ambientes degradados, sujos ou abandonados, despertando sentimentos de vergonha, nojo e revolta. No mapa do Aluno 6 (Quadro 13), o bairro é descrito como composto por casas velhas e visual desagradável.

**Quadro 13:** Mapa afetivo do aluno 6.

<p>Identificação</p> <p><b>Aluno 6, 14 anos.</b></p> <p><b>IEL: -46</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Demócrito Rocha</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 6</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: 14 anos</b></p>	
Estrutura	Metafórico
Significado	“O que tem mais no meu bairro é gente usando maconha”
Qualidade	Desprezo
Sentimento	Nojo, medo, ódio, desprezo, triste, enganado
Metáfora	“Compararia com lixo, porque a segurança dele é muito baixa, as pessoas são tóxicas e as casas são velhas”
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro LIXO revela-se com a segurança comprometida e uma aparência desconfortável por apresentar residências bem antigas. O comportamento das pessoas que moram lá também é citado como “tóxico”. Os sentimentos expressos são de nojo, medo, ódio, desprezo, tristeza e engano. A imagem afetiva é de DESTRUIÇÃO.

Fonte: Elaborada pela autora.

O Aluno 11 (Quadro 14) apresenta a metáfora “Bairro Lixão”, expressando sentimentos contraditórios: ódio e solidão, mas também amor e alegria. Essa ambivalência evidencia a complexidade das relações afetivas com o espaço.

**Quadro 14:** Mapa afetivo do aluno 11

<p><b>Identificação</b></p> <p><b>Aluno 11, 14 anos.</b></p> <p><b>IEL: 4</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Couto Fernandes</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 4</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: Uma semana</b></p>	
--	--

Estrutura	Cognitivo
Significado	“A minha casa”
Qualidade	Felicidade e alegria
Sentimento	Felicidade, amor, raiva, compaixão, ódio, solidão
Metáfora	“Lixão, porque lá tem muito lixo”
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro LIXÃO pela presença de muita sujeira no local. Embora, esteja sujo e o sujeito sinta ódio e solidão, ainda assim é capaz de apresentar sentimentos de felicidade, amor e compaixão. A imagem afetiva é de CONTRASTE (Destruição x Agradabilidade)

Fonte: Elaborada pela autora.

O Aluno 16 (Quadro 15) representa o bairro Couto Fernandes por um triângulo, com a metáfora “Bairro Favela”. Sentimentos positivos (amor, carinho, adrenalina) coexistem com raiva e tristeza, configurando uma imagem de Contraste entre Agradabilidade e Destruição.

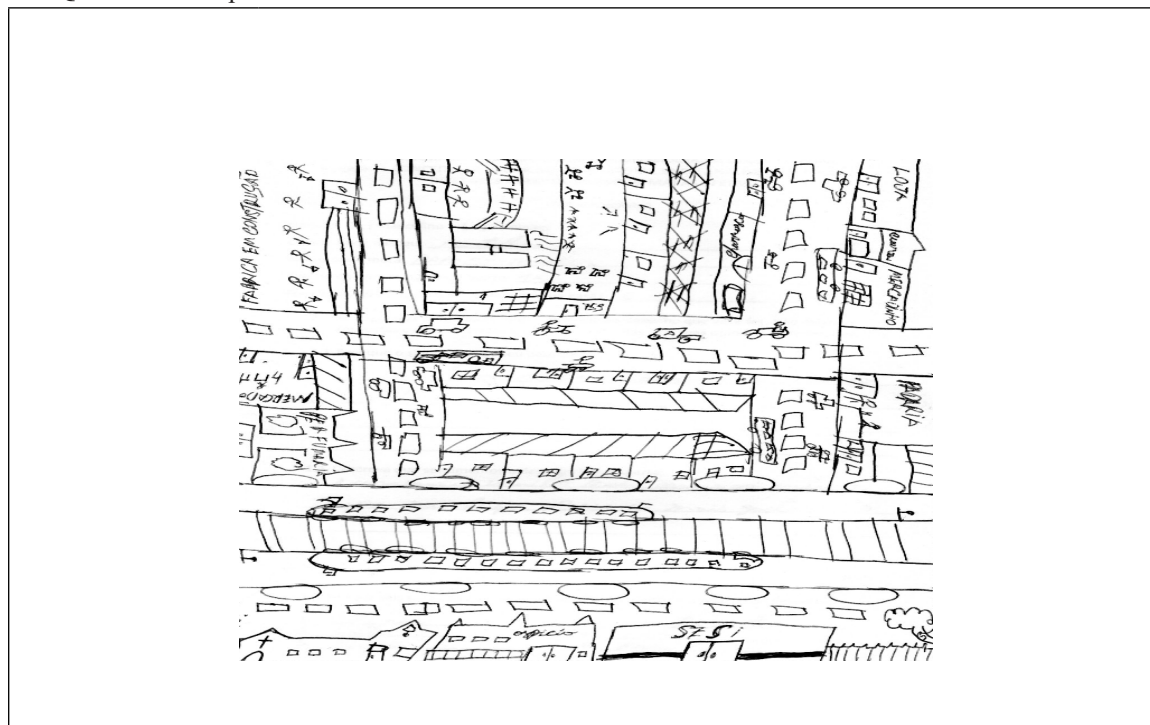
Quadro 15: Mapa afetivo do aluno 16.

Identificação	<p><b>Aluno 16      Idade: 14</b></p> <p><b>IEL: 38</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Couto Fernandes</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 3</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: 11 anos</b></p>
Estrutura	Metafórico
Significado	Desenhei um “triângulo”, pois o bairro onde eu moro forma um triângulo visto de cima. O apelido do bairro é “triângulo”.
Qualidade	Amor, felicidade, adrenalina
Sentimento	Amor, felicidade, adrenalina, raiva, tristeza, carinho
Metáfora	Uma favela, porque parece muito
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro FAVELA é descrito como um espaço de amor, felicidade, adrenalina e carinho. A tristeza e a raiva também fazem parte da relação do sujeito com o lugar. CONTRASTE (Agradabilidade x Destruição)

Fonte: Elaborada pela autora.

No mapa do Aluno 12 (Quadro 16), a metáfora “Cidadezinha do Interior” representa o bairro Montese como um lugar calmo e acolhedor. Contudo, essa tranquilidade gera insegurança, revelando a coexistência de Pertencimento e Insegurança.

**Quadro 16:** Mapa afetivo do aluno 12.



Identificação	<p><b>Aluno 12                  Idade: 15</b></p> <p><b>IEL: 24</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Montese</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 5</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: 14 anos</b></p>
Estrutura	Cognitivo
Significado	É um lugar calmo, bem movimentado. Bom de morar.
Qualidade	Canto muito bom pra morar, mas ao mesmo tempo perigoso.
Sentimento	Alegria, tristeza, paixão, amor, respeito, ressentimento
Metáfora	Cidadezinha do interior, às tardes é bem calminha, fica em silêncio
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro CIDADEZINHA DO INTERIOR é um lugar bom para morar, com tardes calmas e silenciosas. Evoca sentimentos de alegria, paixão, amor, respeito, mas em alguns momentos se apresenta como perigoso, podendo trazer tristeza. A imagem afetiva é de <b>CONTRASTE</b> . (Pertencimento x Insegurança)

Fonte: Elaborada pela autora.

A imagem de Contraste se expressa também no mapa do Aluno 24 (Quadro 17), em que, apesar da precariedade estrutural do bairro, o participante afirma sentir alegria em viver ali. A oposição entre Destruição e afetos positivos é confirmada pela escala de estima.

Quadro 17: Mapa afetivo do aluno 24.



Identificação	<p><b>Aluno 24      Idade: 16</b></p> <p><b>IEL: -47</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Montese</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 5</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: 16 anos</b></p>
Estrutura	Cognitivo
Significado	Rua onde eu moro, meus amigos jogando <i>futmesa</i> comigo. Jogo bola também no campinho.
Qualidade	Alegria
Sentimento	Felicidade, tranquilidade, emoção, calma, bom de morar, legal
Metáfora	Com um morango, esburacado, mas é bom
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro MORANGO é apresentado como um lugar esburacado, porém são evocados sentimentos de alegria, felicidade, tranquilidade, emoção, calma, “legal” e, portanto, bom para morar. A imagem afetiva é, portanto, de <b>CONTRASTE</b> (Destruição x Agradabilidade)

24

Fonte: Elaborada pela autora.

O Aluno 22 (Quadro 18) utiliza novamente a metáfora do “Triango” (triângulo) para o bairro Couto Fernandes, comparando-o a uma favela. Apesar da insegurança e criminalidade, o participante declara amor pelo lugar, o que evidencia o Contraste entre Pertencimento e Insegurança.

**Quadro 18:** Mapa afetivo do aluno 22.



Identificação	<p><b>Aluno 22</b></p> <p><b>Idade: 14</b></p> <p><b>IEL: -12</b></p> <p><b>Bairro de moradia: Couto Fernandes</b></p> <p><b>Quantidade de moradores na residência: 3</b></p> <p><b>Tempo de moradia no bairro: 13</b></p>
Estrutura	Cognitivo
Significado	Campinho do Metrofor. Lugar que virou diversão e distração para os moradores da favela. Demos o nome de "Triângulo". A arma representa a favela.
Qualidade	Amor, alegria e medo
Sentimento	Criminalidade, perigo, diversão, invasão, operação, distração
Metáfora	Favelas do Brasil, porque a semelhança é enorme
Sentido (Imagem afetiva)	O bairro FAVELAS DO BRASIL é aquele chamado também, de "favela do triângulo", no qual a violência recebe destaque através de uma arma no desenho feito pelo sujeito. Por conta da delinquência existente, existe sensação de perigo e medo, sob o risco de invasões e operações policiais. Ainda assim, consegue expressar amor e alegria pelo lugar. A imagem afetiva é de CONTRASTE (Pertencimento x Insegurança).

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesta pesquisa foi apresentada a noção de afeto elaborada pelo filósofo Baruch de Espinosa que, em sua obra *Ética*, versa sobre encontros ou afecções, potencializadores ou despotencializadores, do ser humano com o mundo que o cerca. Ao explorar esta perspectiva, evidenciamos como esses encontros moldam nossas experiências emocionais e influenciam nossa capacidade de agir no mundo. Sua filosofia nos convida a refletir

sobre como cultivar relações que fortaleçam nossa vitalidade e nos conduzam a uma existência mais plena.

Considerada como ponto fundamental para a análise geográfica na perspectiva humanista, a experiência, na definição de Oliveira (2017), “abrange as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”, incluindo aspectos emocionais, culturais, sociais e históricos, considerando a relevância de cada um deles na construção da realidade geográfica.

Oliveira (2017), ressalta o quão é inegável que “as emoções e o pensamento dão coloridos toda experiência humana”, de forma que elas não apenas moldam as vivências pessoais, mas também adicionam tonalidades e matizes únicos a cada interação com o espaço. Nesse sentido, a complexidade da afetividade revela-se como um elemento essencial na compreensão da relação do sujeito com seu lugar no mundo.

No caminho percorrido por esta pesquisa, enveredamos pela perspectiva humanista da geografia, concentrando atenção na vivência e subjetividade dos sujeitos. Somamos a esta visão, a Psicologia Ambiental que examina a maneira pela qual o meio físico exerce influência em nosso bem-estar psicológico e emocional. Aliando estas duas áreas do conhecimento, encontramos a viabilidade do entendimento das relações sujeito-lugar por meio dos Mapas Afetivos.

Neste processo que conduz à identificação dos sentimentos de pertencimento, agradabilidade, destruição, insegurança e contraste, nos deparamos com uma opção metodológica para a compreensão do conceito de lugar no âmbito da Geografia Humanista. Ao analisarmos as vivências por meio dos Mapas Afetivos, possibilitou-se uma delicada e aprofundada apreciação das interações entre os sujeitos investigados e os bairros em que residem. Cada um de nós experimenta uma conexão emocional, que pode ser tanto favorável quanto desfavorável, potencializadora ou despotencializadora, com os lugares onde vivemos.

Ambientes que oferecem espaços de convívio social, contato com a natureza e acesso a serviços públicos tendem a favorecer experiências mais positivas e gratificantes para seus habitantes, contribuindo para uma maior sensação de pertencimento e agradabilidade em relação ao lugar. Já onde se percebe abandono estrutural, sensação de ameaça, possibilidade de riscos estão associados ao padecimento do sujeito.

A afetividade pode evoluir ao longo do tempo e ser influenciada por mudanças nas circunstâncias individuais e coletivas. Um lugar que evocava sentimentos potencializadores no passado pode se tornar associado a experiências negativas devido a eventos traumáticos ou de destruição do ambiente. Da mesma forma, aquele espaço vivido que ora foi percebido de forma despotencializadora pode adquirir significação potencializadora através de iniciativas de revitalização urbana, renovação cultural ou aprimoramento da segurança.

Compreender a complexidade e a natureza dos afetos é essencial para uma análise abrangente das interações entre sujeito e lugar. Um vínculo afetivo gerador de potência de ação está relacionado com pertencimento e sensação de agradabilidade de estar no lugar. O vínculo despotencializador pode desencadear ansiedade, desconforto ou até mesmo aversão, advindos da insegurança e da percepção de um ambiente destruído.

Esta mesma vivência espacial, pode ser assinalada de antíteses, de momentos que nos elevam ou nos potencializam bem como de circunstâncias que nos causam padecimento. São os contrastes, uma zona que pode concentrar sensações agradáveis, embora o ambiente possa estar destruído, sujo ou não disponha de infraestrutura adequada. Ao passo que o sujeito pode sentir-se extremante ligado a um lugar, de forma que ele sinta que aquele espaço faz parte do seu ser, embora exista insegurança em estar ali, tendo em vista a violência ou a falta de confiança entre os moradores.

À medida que fomos pesquisando, ouvindo e lendo sobre as vivências dos alunos da E MTP Cláudio Martins, avançamos na compreensão de como os bairros Couto Fernandes, Demócrito Rocha, Montese e Parangaba se constituem lugar na essência geográfica do conceito, dentro da perspectiva humanista, numa interseção com a Psicologia Ambiental.

Ainda de forma pertinente, durante a abordagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de geografia, observamos a importância da valorização do conceito de lugar. Dentro desse contexto, o estudo do conceito de lugar ganha relevância, pois cada indivíduo constrói uma relação singular com o espaço que habita, influenciada por suas experiências, emoções e percepções. Ao explorar essa dinâmica, os educadores podem estimular uma reflexão mais profunda sobre as interações entre o sujeito e seu entorno, contribuindo para uma educação mais contextualizada e significativa.

Os mapas afetivos desenvolvidos com base na metodologia proposta por Bomfim (2003) forneceram uma ferramenta valiosa para compreender as relações de afecção dos alunos com o bairro em que moram. Através dos desenhos e das metáforas construídas, foi possível interpretar suas percepções e emoções em relação ao lugar, bem como avaliar a estima de lugar e a apropriação do espaço.

Cada indivíduo traz consigo uma perspectiva única e singular sobre o lugar, influenciada por sua trajetória de vida, sua identidade cultural, suas relações sociais e suas vivências pessoais. Essa diversidade de experiências contribui para a riqueza e complexidade do espaço geográfico, tornando-o um campo de estudo rico e fascinante para os geógrafos humanistas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria G. de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural, **Revista Geonordeste**. São Cristóvão, n. 1, p. 33-54, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/download/2484/2149#page=31> Acesso: 20 set 2023

ALENCAR, Helenira Fonseca de. **Participação social e estima de lugar: caminhos traçados por jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da Cidade de Fortaleza pelos mapas afetivos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-Ceará, 2010, 239 f. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2231/1/2010\\_dis\\_HFDAlencar.PDF](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2231/1/2010_dis_HFDAlencar.PDF) Acesso em: 20 ago 2022

BANDEIRA, B. S. **Estudo da afetividade de moradores do centro de Fortaleza-CE frente ao Plano Habitacional para Reabilitação da Área Central de Fortaleza-CE** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6810/1/2012-DIS-BSBANDEIRA.pdf> Acesso em: 10 out 2023

BARRETO, Elcides Hellen Ferreira Landim. Estima de lugar e implicações com a saúde: a perspectiva dos usuários de um Centro de Saúde do Nordeste do Brasil. 2017. 209f. – Dissertação (Mestrado) – **Universidade Federal do Ceará**, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24228/1/2017\\_dis\\_ehflbarreto.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24228/1/2017_dis_ehflbarreto.pdf) Acesso em: 10 set 2022

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. 237 f.

BOMFIM, Z. Á. C. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (Orgs). Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 2008, p. 253-280.

BOMFIM, Z. A. C. (2010). **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC.

BOMFIM, Z. A. C. et al. Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In GARCIA-MIRA, Ricardo; DUMITRU, A. (Eds.), **Urban Sustainability: Innovative spaces, vulnerabilities and opportunities**. A Coruña, ESP: Deputación da Coruña & Instituto de Investigación Xoon Viciente Viqueira. 2014. p.131-148. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20210/1/2014\\_capliv\\_zacbombomfim.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20210/1/2014_capliv_zacbombomfim.pdf) Acesso em: 20 out 2023

BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz; FEITOSA, Maria Zelfa de Sousa; FARIAS, Nazka Fernandes. Afetividade e lugar como categorias de mediação no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental. In: LIMA, Aluísio Ferreira de; GERMANO, Idilva Maria Pires; FREIRE, José Célio (Orgs.). **Sujeito e subjetividades contemporâneas: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da UFC**. Fortaleza: Edições UFC, 2018

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Fede-

ral, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 22 de fev. de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação – MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica – SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf> Acesso em: 24 jan 2023

BRASIL. LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 27 fev 2023

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 20 mai 2022

BUTTNER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v.66, n.2, p. 277-299, June 1976.

BUTTNER, Anne. Social space and the planning of residential areas. In: BUTTNER, Anne. SEAMON, David. **The human experience of space and place**, Routledge, 1ª edição, p. 21-54, 1980.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, p. 165-194, 1982.

CABRAL, D. W. A. **Relação afetiva pessoa-ambiente na Prainha do Canto Verde: processos de participação comunitária (Dissertação de Mestrado)**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14633/1/2015\\_dis\\_dwacabral.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14633/1/2015_dis_dwacabral.pdf) Acesso em: 12 out 2023

CALLAI, Helena Copetti; DE SOUZA CAVALCANTI, Lana; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. O estudo do lugar nos anos iniciais do ensino fundamental. **Terra Livre**, v. 1, n. 38, p. 79-98, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/download/461/436> Acesso em 20 out 2023

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, p.83-134.

CALLAI, Helena. Copetti. O Estudar o Lugar para Compreender o Mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.C. **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. 2ed. Porto Alegre: Mediações, 2002.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 227-247, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9m-brLG6Dd3FQhFqZYH> Acesso em: 17 mar 2023

CALLAI, Helena Copetti. O lugar e o ensino-aprendizagem da Geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La espesura del Lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Santiago: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, 2009

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de. **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Nepec, p. 15-37, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, Marisia Margarida Santiago. **Geografia, ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 22, 2010. 252p. Disponível em: [http://200.144.244.96/cda/PARAMETROS-CURRICULARES/ME-EnsinoMedio/2011\\_geografia\\_capa.pdf#page=25](http://200.144.244.96/cda/PARAMETROS-CURRICULARES/ME-EnsinoMedio/2011_geografia_capa.pdf#page=25) Acesso em: 20 set 2022

CALLAI, Helena Copetti. A geografia escolar e os conteúdos da geografia. **Anekumene**, n. 1, p. 128-139, 2011. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/aneukumene/article/download/7097/5764> Acesso em: 04 fev 2023

CALLAI, Helena Copetti. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2012b.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, n. 70, p. 9-30, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718=34022018000200009-&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718=34022018000200009-&script=sci_arttext) Acesso em: 01 abr 2023

CASTROGIOVANNI, A. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A.; KAERCHER, N. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTE, S., ELIAS, T. Apropriação. In: G. Elali (Orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 5, p.63-69

CAVALCANTE, S; NÓBREGA, I. M. A. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, S; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 14, p. 182 à 190.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Editora Vozes Limita-

da, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 14.ed. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (org.) **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: contexto, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A educação Geográfica e a formação de conceitos: a importância do lugar no ensino de Geografia. In: PEREIRA, Marcelo Garrido. **La espesura del Lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo**. Santiago: Universidad Academia de Humanismo Cristiano, p.135-151, 2009

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas – SP, Papirus editora, 16º edição, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e sua relevância social: aportes teórico-metodológicos para uma proposta de atuação docente. In: SILVA, María Raquel Pulgarin. **Conversaciones sobre la dimensión formativa de la geografía y la educación geográfica**, p. 49, 2021. Disponível em: [https://bibliotecadigital.udea.edu.co/bitstream/10495/30919/1/PulgarinSilva\\_ConversacionesDimensinGeogrifica.pdf](https://bibliotecadigital.udea.edu.co/bitstream/10495/30919/1/PulgarinSilva_ConversacionesDimensinGeogrifica.pdf) Acesso em: 26 jan 2023

CAVALCANTI, Nayane Camila Silva; SALVADOR, Natália Karoline Cândido; MENEZES, Priscylla Karoline de. **As categorias de lugar e paisagem na base nacional comum curricular (BNCC) no ensino fundamental-anos finais**. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/78445>>. Acesso em: 27 mar 2023

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: RESENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. 5º edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez editora, 2018.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em geografia. **Boletim de Geografia Teórica**. São Paulo, v. 10, n. 19, 1980.

ESPINOSA, B. **Ética demonstrada à maneira dos geométricos**. Intro. Huberto Rohden, trad. Jean Melville, São Paulo, Martin Claret, 2002.

ESPINOSA, B. **Ética. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos**; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.

FORTALEZA. **Nossos Bairros, Nossa Fortaleza: Mapeamento estatístico e afetivo da cidade**. 2022. 400 p. Disponível em; <https://drive.google.com/file/d/1zWqgQMOxmsvOft1MekfvJE1LdFaXz3dF/view> Acesso em 29/01/2024

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1996.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista anglo-saxônica-de suas origens aos anos 90. **Revista brasileira de Geografia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, Rio de Janeiro**, v. 55, n. 1, p. 90-109, 1993.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**, Rio de Janeiro, Uerj, 2001, p. 103-122.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. SciELO-EDUEL, 2016.

29

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13458/8658> Acesso em: 01 out 2022

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista território**, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/56336188/geografia\\_humanistica\\_e\\_o\\_conceito\\_de\\_lugar.pdf](https://www.academia.edu/download/56336188/geografia_humanistica_e_o_conceito_de_lugar.pdf) Acesso em: 01 out 2022

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenome-**

nologia. São Paulo: Perspectiva. 2012.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, n. 3, p. 8-19, 2013.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990**. SciELO-EDUEL, 2016.

HOLZER, W. Lugar. **GEographia**, v. 1, n. 47, p. 131-134, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/40757/23468>. Acesso em: 08 nov. 2023.

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. Didática da terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.

KOZEL, Salete. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In Kozel, S. [et al] (orgs.). **Da percepção e cognição a representação**: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p.114-138.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LIMA, A. C. **Estima de Lugar e Território**: construção de mapas afetivos de moradores do Timbó em Maracanaú-CE. 2019. 96 f. TCC (Graduação)- Curso de Bacharelado em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019 Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55634/1/2019\\_tcc\\_aclima.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55634/1/2019_tcc_aclima.pdf) Acesso em 12 out 2023

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, p. 103-141, 1982.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARANDOLA, Eduardo Jr. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA, Holzer, Oliveira. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 227-247.

Marandola Jr., E. (2013). Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, 3(2), 49-64.

MARANDOLA JR, Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/398/378> Acesso: 10 set 2023

MARANDOLA JR, Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 26, p. 161-181, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/vLV3PWZZNw9TX45DY5TWJtQ/> Acesso em: 20 ago 2023

MARANDOLA JR, Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 81-94, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/7733/5448/> Acesso em: 20 mai 2023

MARTINS, Ana Kristia da Silva. **Mapas afetivos táteis: vivências urbanas não visuais na cidade de Fortaleza**. 161 f. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado)–Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14814/1/2015\\_dis\\_aksmartins.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14814/1/2015_dis_aksmartins.pdf) Acesso em: 13 set 2023

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista ACTA Geográfica**, Ano v, 2011. p.07-14

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA, Holzer, Oliveira. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: **Perspectiva**, 2012.

MELLO, João Baptista Ferreira de. (2012). Valores em geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. **Espaço e Cultura**, 2012, p. 33–39.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. Estudos de Psicologia. n. 3 (1), p. 121-130 – 1998. **Universidade René Descartes – Paris V**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/JJ6HsWrYfmYZy9XxZxtYVFr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 13 de março de 2023.

MOURÃO, A.R.T & CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental** (pp.208-216). **Petrópolis, RJ: Vozes, 2011**.

30

MOURÃO, Raquel Teixeira da; CAVALCANTE, Sylvania. Identidade de lugar. In.: CAVALCANTE, Sylvania; ELALI, Gleice A (Orgs). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1. ed., **Petrópolis, RJ: Vozes**, 2017. p. 208-216.

OLIVEIRA, Livia. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva. 2012. p. 3-16

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia**: estudo humanista do espaço, da paisagem e do lugar/ Livia de Oliveira; organizado por Eduardo Marandola Jr; Tiago Vieira Cavalcante; São Paulo:

PACHECO, Fábio Pinheiro. **Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação**. Dissertação- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2018, 231f. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33731/3/2018\\_dis\\_fpacheco.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33731/3/2018_dis_fpacheco.pdf) Acesso em: 23 jun 2022

PARENTE, José Reginaldo Feijão. **Patrimônio afetivo e cultural no contexto do Sítio Histórico de Sobral-Ceará**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. 178 f. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57527/3/2020\\_tese\\_jrfrparente.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57527/3/2020_tese_jrfrparente.pdf) Acesso em: 28 out 2022.

PINHEIRO, G. R. (2009). **Afetividade e ambiente hospitalar: construção de significados pelo paciente oncológico com dor** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Parâmetros Curriculares Nacionais: tensão entre Estado e escola. In: CARLOS A. F; OLIVEIRA, Ariovaldo U. (org). **Reformas no mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 11-19

RELPH, Edward C. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *The Canadian Geographer/Le Géographe canadien*, v. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.

RELPH, Edward C. Humanistic Geography. **Annals of the association of american geographers**. Vol. 66, 1976

RELPH, Edward C. **Place and placelessness**. London: Pion, 1980

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763/11395>. Acesso em: 01 out 2021.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia Cultural: uma antologia**. Volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1925].

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em perspectiva**, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995.

SAWAIA, Bader B. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. In: ACOSTA, Ana Rojas & VITALE, Maria Amalia F. (org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC SP, 2010. p. 39 – 50.

SERPA, Ângelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019

SILVA, José Borzacchiello da. Parangaba. Fortaleza: [s.n.], 2013. Disponível em: <https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=4936bc38-0437-4d40-b08cd78887d5c446> Acesso em 24/10/2022.

SILVA, S. H. G. **O direito à paisagem urbana: imagem e afetividade na construção de uma geografia do olhar** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50780/1/2019\\_dis\\_shgomesdasilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50780/1/2019_dis_shgomesdasilva.pdf) Acesso em: 12 ago 2022

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Ambiência e pensamento complexo: Ressignificação) da Geografia**. Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, p. 181-208, 2004.

TUAN, Yi Fu. Attitudes toward environment: themes and approaches. In : LOWENTHAL, David (ed.). Envi-



- ronmental perception and behavior. Chicago : **University of Chicago Press**, 1967, p. 4-17.
- TUAN, Yi Fu. Humanistic geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (2): 266-276, 1976.
- TUAN, Yi Fu. Space and place : humanistic perspective. In : GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**; tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Unesp, 2005.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-15, Inverno 2011.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**; tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.
- TUAN, Y.-F. (2018). Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. **Geograficidade**, 8(1), 4-15.  
<https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a27150>
- VIANA, L. G. **Afetividade e ambiente esportivo: sentimentos e emoções de atletas de competição** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Mind in society: the development of higher psychological processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001